

Meninazinha de olhos verdes

Leandro Rodrigues Alves Diniz

Universidade Federal de Minas Gerais

Belo Horizonte, MG, Brasil

Editor-chefe do Projeto de Extensão da Revista Interfaces

leandroradiniz@gmail.com

ORCID: 0000-0002-7128-7243



Intermináveis. Os últimos quatro anos pareciam intermináveis. A caixa de pandora aberta com o golpe contra Dilma Rousseff em 2016, que deu espaço para a ascensão da extrema direita no Brasil, promoveu brutal destruição nos mais diferentes setores. Restrições drásticas de direitos sociais. Cortes vultosos na Educação, na Ciência, na Cultura. Omissão diante dos impactos da pandemia no Ensino Básico. Veto a reajuste de verba para merenda escolar. Investidas sem tréguas contra as universidades públicas. Brasil de volta ao mapa da fome. Estrangulamento de serviços públicos. Desestruturação de órgãos ambientais. Desmatamento recorde. Liberação desenfreada de agrotóxicos. "Rachadinhas". 51 imóveis em dinheiro vivo. Propina em barra de ouro. Corrupção institucionalizada por meio do orçamento secreto. Interferências na Polícia Federal. Sigilos de 100 anos. Negacionismo. Milhares de vidas ceifadas por uma necropolítica que optou por encarar uma das maiores pandemias da história da humanidade como uma "gripezinha". Rebaixamento do Brasil à posição de pária internacional. Culto à ignorância. Desmantelamento de políticas de proteção aos direitos humanos. Intolerância com aqueles que não são a imagem espelhada do reacionarismo. Anti-indigenismo na Funai. Racismo na Fundação Palmares. Ódio à comunidade LGBTQIA+. Misoginia. Disseminação *ad nauseam* de *fake news*. Deslaicização do Estado. Militarização do governo. Armamento da população. Fortalecimento das milícias. Exaltação à ditadura militar. Fascismo escancarado no próprio lema usado por Bolsonaro "Deus, Pátria, Família", ao qual foi acrescida a palavra "liberdade". Violações constantes à liberdade de expressão. Censura. Ataques frontais à democracia. Estelionato eleitoral. Manifestações extremistas e até tentativas de atentados terroristas a bomba após a vitória de Lula nas urnas.

A analgesia diante de um cenário tão distópico parece ter sido "privilégio" dos chamados "bolsonaristas raiz", que se identificam incondicionalmente com as várias facetas da barbárie que dominou o Brasil nos últimos anos. Talvez todos os outros – inclusive aqueles que, paradoxalmente, apoia(r)am seus próprios opressores – tenham sofrido, em menor ou maior medida, com a perversidade do projeto político liderado por Bolsonaro. Porém, ainda que a dor permaneça, precisamos comemorar o início de um novo ciclo da política brasileira, que coincide com a chegada de 2023. Precisamos acompanhar essa "meninazinha de olhos verdes" de que fala Mário Quintana no poema

*Lá bem no alto do décimo segundo andar do Ano
 Vive uma louca chamada Esperança
 E ela pensa que quando todas as sirenas
 Todas as buzinas
 Todos os reco-recos tocarem
 Atira-se
 E ó delicioso voo!
 Ela será encontrada miraculosamente incólume na calçada,
 Outra vez criança...
 E em torno dela indagará o povo:
 Como é teu nome, meninazinha de olhos verdes?
 E ela lhes dirá
 (É preciso dizer-lhes tudo de novo!)
 Ela lhes dirá bem devagarinho, para que não esqueçam:
 O meu nome é ES-PE-RAN-ÇA¹*

Essa meninazinha – é preciso estar atento – não crescerá livremente. O bolsornarismo, que permanecerá apesar da derrocada de Bolsonaro, procurará tolher seu crescimento. Mais um motivo para que a acompanhem muito bem, fazendo face àqueles que sempre estiveram por aqui, mesmo que mais calados outrora, e que encontraram no “Mito” a voz para articular e concretizar seus anseios mais repugnantes. As instituições de ensino superior (IES), notadamente as públicas, têm um forte compromisso ético com a vida dessa meninazinha – e a ele não têm se furtado, a despeito dos duros golpes que sofreram nos últimos anos. Compromisso que cresceu sobremaneira em um Brasil devastado pela extrema direita. A Extensão, em particular, desempenha um papel crucial nesse sentido, ancorada nos princípios da Política Nacional de Extensão Universitária: “interação dialógica”; “interdisciplinaridade e interprofissionalidade”; “indissociabilidade Ensino – Pesquisa – Extensão”; “impacto na formação do estudante”; “impacto e transformação social”²

O primeiro artigo desta edição da Interfaces, de autoria de Loryne Viana de Oliveira (Unicamp), se propõe, justamente, a refletir sobre as possibilidades emancipatórias da extensão universitária socialmente orientada. Os demais artigos, redigidos por autoras/es filiadas/os a diferentes IES, evidenciam o potencial transformador da Extensão em distintas esferas da vida, tanto para a comunidade universitária, quanto para seu entorno. É o que também mostram as discussões feitas no dossiê “Patrimônio Universitário em Rede”, que, celebrando os 20 anos da Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), integra este número da Interfaces. Nas palavras das/os suas/seus organizadoras/es Leticia Julião (Museologia/UFMG), Marcelo Novaes (Acervo Escritores Mineiros/UFMG), Marcus Silveira (Rede de Museus e Espaços de Ciência e Cultura da UFMG) e Verona Segantini (Museologia/UFMG), o dossiê lança luz sobre a necessidade de

1 Quintana, M. (1994). *Nova antologia poética*. Globo Livros.

2 Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras – FORPROEX (2012). *Política Nacional de Extensão Universitária*. Manaus. <https://www.ufmg.br/proex/wp-content/uploads/2021/12/PNEU.pdf>.

fortalecimento dos museus e das coleções universitárias como “lugares privilegiados para o exercício do diálogo entre distintos saberes, para a comunicação pública da ciência, para a construção da articulação socialmente referenciada da pesquisa, do ensino e da extensão e para a experimentação e invenção”.

Findos esses quatro longos anos, 01 de janeiro de 2023 marcará o início de um novo tempo, pelo qual esperamos com tanta angústia. Que, neste novo tempo, não repitamos o erro da Lei da Anistia. Que gradativamente possamos dissipar o legado bélico, autoritário e fascista de Bolsonaro. Que tenhamos novos recursos para dialogar com aqueles que, descolados da realidade, continuam operando sob bases avessas aos próprios princípios lógicos. Que as IES, em articulação com diferentes atores sociais, possam, cada vez mais, fortalecer seu trabalho de luta pela promoção da diversidade, pelos direitos humanos, pelo pensamento crítico, pela ciência, pelos saberes tradicionais, pela natureza, pela democracia, pela vida. E que os olhos de esperança da meninazinha brilhem com horizontes de maior justiça social.